



CCB

Cidade
Aberta



Tannhäuser
O Festival de Bayreuth no Cinema

TRANSMISSÃO EM DIRETO DO FESTIVAL DE BAYREUTH

O Círculo Richard Wagner é uma associação sem fins lucrativos que tem como objetivos:

Promover iniciativas culturais destinadas a aprofundar e a difundir o conhecimento da obra de Richard Wagner e o seu impacto e influência até aos dias de hoje; Apoiar o desenvolvimento de novos talentos em Portugal; Incentivar e promover a realização de outros eventos, abrangendo temas culturais da atualidade.

O Círculo Richard Wagner é membro da «Richard-Wagner-Verband International e.V.».

www.richard-wagner.org
circularichardwagner@gmail.com

Um evento do CCB e do Goethe-Institut Portugal, uma iniciativa do Círculo Richard Wagner Portugal e uma produção do Festival de Bayreuth com o parceiro contratual BF Medien GmbH.

APOIO INSTITUCIONAL



PARCERIA INSTITUCIONAL



PARCERIA



VERANSTALTER UND VERTRAGSPARTNER: BF MEDIEN GMBH, FESTSPIELHÜGEL 3, 95445 BAYREUTH, WAGNERIMKINO@BF-MEDIEN.DE

Tannhäuser

O Festival de Bayreuth no Cinema

Transmissão em direto do Festival de Bayreuth
Legendas em português e alemão

Direção Musical **Valery Gergiev**
Encenação **Tobias Kratzer**
Cenografia e Figurinos **Rainer Sellmaier**
Desenho de luz **Reinhard Traub**
Vídeo **Manuel Braun**
Dramaturgia **Konrad Kuhn**
Direção do Coro **Eberhard Friedrich**

Personagens e Intérpretes

Hermann, Conde de Turíngia **Stephen Milling**
Tannhäuser **Stephen Gould**
Wolfram von Eschenbach **Markus Eiche**
Walther von der Vogelweide **Daniel Behle**
Biterolf **Kay Stieffermann**
Heinrich der Schreiber **Jorge Rodriguez-Norton**
Reinmar von Zweter **Wilhelm Schwinghammer**
Elisabeth, sobrinha do Conde **Lise Davidsen**
Vénus **Elena Zhidkova**
Um Jovem Pastor **Katharina Konradi**

Coro e Orquestra do Festival de Bayreuth

Tradução do Libreto para legendagem Prof. Doutora Ana Maria Bernardo

SORTEIO TANNHÄUSER

GANHE 2 BILHETES PARA A ESTREIA DO FESTIVAL DE BAYREUTH 2020

Como participar

Após ter comprado o seu bilhete, visite-nos em www.wagner-im-kino.de/gewinnspiel e inscreva-se para participar no sorteio. Preencha a sala onde está a assistir, a sua fila, o número do seu lugar e os seus contactos no formulário e responda à pergunta do sorteio. Após ter respondido corretamente à pergunta do sorteio e aceite os termos e condições do mesmo (AGBs), submeta o formulário. Passa assim a participar automaticamente no sorteio. Os vencedores serão anunciados durante a transmissão no dia 25 de julho de 2019, por altura do segundo intervalo da ópera. O prazo final para inscrição no sorteio é dia 25.07.2019 até às 18h30.

mais informações em: www.wagner-im-kino.de

25 julho 2019

16H

Foyer do Grande Auditório
Apresentação da ópera
pelo Prof. Doutor
Paulo Ferreira de Castro

17H

Grande Auditório / M/12
Duração aproximada: 4h30
com dois intervalos



**Tannhäuser und der
Sängerkrieg auf Wartburg**
Wilhelmine Schröder-Devrient
no papel de Venus, Joseph
Tichatschek no papel titular
19. OUTUBRO, 1845
KÖNIGLICHES HOF THEATER, DRESDEN
© DOMÍNIO PÚBLICO

A ópera *Tannhäuser*

Tannhäuser e o Concurso de Canto de Wartburg

Grande ópera romântica em três atos

Música e Libreto **Richard Wagner**

Língua original **Alemão**

Estreia a 19 de outubro de 1845 no Teatro da Corte de Dresden

Personagens

Hermann, Conde de Turingia (baixo)

Tannhäuser (tenor)

Wolfram Von Eschenbach (barítono)

Walther von der Vogelweide (tenor)

Biterolf (baixo)

Heinrich, o escrivão (tenor)

Reinmar von Zweter (baixo)

Elisabeth, sobrinha do Conde (soprano)

Vénus (soprano)

Um Jovem Pastor (soprano)

Quatro Pajens (dois sopranos e dois contraltos)

Lugar e tempo

Turingia, Wartburg e arredores; Século XIII.

Argumento

Primeiro ato

O trovador Heinrich von Ofterdingen, também chamado Tannhäuser, havia abandonado há alguns anos a Corte do Conde Hermann, famoso pelos concursos de canto organizados no seu Castelo de Wartburg.

Tannhäuser vive agora em Venusberg, rodeado de toda a sensualidade e luxúria do reino da deusa do amor.

Enquanto dorme, sonha com ninfas, náiades e sereias.

Ao acordar, porém, recorda o verde da natureza do seu

mundo anterior e pretende sair dali, onde sente que não passa de um escravo ao serviço de Vénus. Implora à deusa que o liberte, que o deixe partir. Esta tenta dissuadi-lo, acusa-o de falta de fidelidade, vaticina que se arrependerá e depressa quererá voltar, mas não consegue acalmar o espírito agitado de Tannhäuser. Quando este invoca a Virgem Maria, o mundo de Vénus esvai-se e Tannhäuser encontra-se de novo no reino dos mortais, próximo do Castelo de Wartburg.

Um jovem pastor canta um louvor à Primavera. A melodia é abafada pelo canto de peregrinos numa jornada de penitência a Roma. Tannhäuser comove-se e pede a redenção dos seus pecados. Aproxima-se um grupo de caçadores na companhia do Conde Hermann. Reconhecem Tannhäuser e saúdam-no. Não podendo revelar as razões de tão longa ausência, Tannhäuser pensa em partir de imediato. Mas Wolfram von Eschenbach recorda-lhe Elisabeth e revela-lhe que esta não o esqueceu e o ama. Tannhäuser sente-se rejuvenescido e decide ficar entre os trovadores.

Segundo ato

Desde que Tannhäuser partira, não voltara a haver concursos de canto na Corte de Hermann. Agora, em honra do seu regresso, a cultura volta à Turíngia e anuncia-se um novo torneio de trovadores. Na sala dos cantores do Castelo de Wartburg, Elisabeth não esconde a alegria e ansiedade por voltar a ver Tannhäuser. Tannhäuser entra, na companhia de Wolfram, e ajoelha-se aos pés de Elisabeth. Esta, por sua vez, não resiste e declara o seu amor por ele. Wolfram, que secretamente também ama Elisabeth, compreende que a sua causa está perdida. Entram na sala o Conde Hermann, os candidatos ao concurso e os convidados. O Conde propõe como tema da prova «A Natureza do Amor». Acrescenta que quem vencer poderá pedir a mão de Elisabeth, sua sobrinha. Wolfram começa, descrevendo o amor como uma fonte límpida dos mais sérios e elevados sentimentos. De seguida, Walther von der Vogelweide canta o amor casto como a maior das virtudes. Tannhäuser, impaciente, interrompe-os,

refuta esta forma de adulação e advoga o amor sensual, exaltando a deusa do amor. A assistência ofusca-se e Biterolf acusa Tannhäuser de blasfémia. A confusão aumenta, apesar do apelo à calma por parte de Wolfram. As damas da Corte retiram-se. Os restantes cantores avançam e ameaçam o ímpio, mas Elisabeth interpõe-se e diz-lhes que não lhes cabe julgar, que só Deus terá o direito de o castigar. Tannhäuser cai em si e pede a clemência dos céus. O Conde insta então Tannhäuser a juntar-se aos peregrinos a Roma, para que possa expiar a sua culpa e obter do Papa a redenção. Profundamente abalado, Tannhäuser abandona a sala.

Terceiro ato

A vida de Elisabeth limita-se à espera pelo desejado retorno de Tannhäuser. Wolfram observa-a ansiosamente. Um grupo de peregrinos à volta de Roma aproxima-se, agradecendo a Deus o perdão dos seus pecados. Não vendo Tannhäuser entre os regressados, Elisabeth implora à Virgem Maria que a leve ao Paraíso, onde poderá interceder em favor do seu amado. Wolfram pressente que o fim de Elisabeth está próximo. Cai de joelhos e roga à estrela da noite que receba em paz este anjo. Chega um novo peregrino. Wolfram reconhece Tannhäuser. Este, destroçado, conta a sua viagem a Roma. Toda a sua penitência fora em vão: o único entre milhares de peregrinos a quem o Papa negara a absolvição e condenara para a eternidade, dizendo-lhe que, perante a imensidão dos seus pecados, antes de alcançar o perdão haveria de florescer o báculo papal. Agora só lhe resta regressar para junto de Vénus, tal como esta vaticinara. Vénus reaparece mas Wolfram afasta-a, invocando o nome de Elisabeth, que acabara de morrer de desgosto e compaixão. Ao ver aproximar-se o cortejo fúnebre, Tannhäuser morre de tristeza, com o nome de Elisabeth nos lábios. Jovens peregrinos chegam de Roma, exaltando o milagre da misericórdia divina: o báculo papal havia florescido. Tannhäuser morrera absolvido, encontrara a paz e a redenção! Todos os presentes louvam a misericórdia divina.

Tannhäuser und der Sängerkrieg auf Wartburg

Grande ópera romântica em três atos, de Richard Wagner, com texto e libreto pelo compositor.

A quinta ópera de Richard Wagner (segunda do cânone) estreou a 19 de outubro de 1845, em Dresden, no Teatro Real da Corte da Saxónia, sob direção musical do próprio compositor.

Ainda enraizada nos gêneros da ópera francesa e italiana, mas já a revelar traços do que viria a ser o drama musical wagneriano, a obra foi composta entre o verão de 1842 e abril de 1845, para o título originalmente planeado: «Der Venusberg». A instância do seu editor, que recebeu o efeito insidioso da expressão, sobretudo na tradução para outras línguas, Wagner alterou o título para o nome definitivo com que a ópera viria a estrear: «Tannhäuser und der Sängerkrieg auf Wartburg».

Das lendas medievais dos trovadores à dialética entre o amor profano e o amor casto, *Tannhäuser* é uma reflexão sobre a condição humana e o tema da redenção pelo amor.

A obra, que conheceu várias versões, hoje amplamente reconhecidas, goza de grande popularidade e faz parte do repertório regular de todas as grandes casas de ópera por todo o mundo.

Tannhäuser foi apresentada pela primeira vez em Bayreuth, na chamada versão de Paris / Viena, em 1891. A chamada versão de Dresden, por sua vez, só estreou na Colina Verde por ocasião do Festival de 1985.

A encenação que agora se apresenta – de Tobias Kratzer – é a nona produzida para Bayreuth.

Richard Wagner

(1813-1883)

Nascido a 22 de maio de 1813, em Leipzig, na Alemanha, Richard Wagner foi compositor, escritor, poeta, ensaísta, filósofo, maestro e encenador.

Figura incontornável e um dos vultos mais marcantes da História da Arte, Richard Wagner transportou a música ocidental para novos patamares, revolucionou a ópera e o teatro e influenciou, de modo sem paralelo, músicos, pintores, escritores, realizadores, arquitetos, filósofos e cientistas, durante todo o séc. XX e até aos nossos dias. As suas inovações – o Drama Musical, a Obra de Arte Total, uma nova arquitetura do Teatro, o Festival de Bayreuth e, acima de tudo, as novas fronteiras que trouxe à composição musical – permanecem, até hoje, da maior relevância e atualidade, nos mais diversos domínios.

Wagner decidiu, muito novo, que haveria de ser em simultâneo poeta e compositor; propunha-se fundir Beethoven e Shakespeare, levar a sua criação a novos horizontes. Seria essa a sua grande missão. Uma ideia totalmente revolucionária para a época.

Viria depois a desenvolver o conceito de Obra de Arte Total: Wagner compôs exclusivamente para textos criados e escritos por si próprio; elaborou instruções de direção musical e de *régie* para todas as suas obras; concebeu o primeiro Festival de Música, baseado nas festas de teatro da Grécia antiga; erigiu o seu próprio teatro de ópera, desenhado para responder às exigências que o seu drama musical impunha.

Mas Wagner fica na história, acima de tudo, pela sua música: inédita, vanguardista, transformadora irrevogável da linguagem musical do séc. XIX.

O jovem Wagner começou por compor três óperas, entre 1833 e 1840, que ainda se podem considerar emulações de fórmulas contemporâneas: *As Fadas*, *Proibição de Amar* e *Rienzi*, o primeiro sucesso e a obra que marca o início da sua notoriedade. Seguir-se-iam três «óperas românticas», compostas entre 1843 e 1848: *O Navio Fantasma*, *Tannhäuser* e *Lohengrin*.

Depois, e devido à sua participação na revolta de Dresden em 1849, Wagner ficará exilado na Suíça e estará cinco anos sem compor. É nesta altura que escreverá as suas principais obras teóricas: *A Arte e a Revolução*, *A Obra de Arte do Futuro*, *Ópera e Drama* e *Uma Comunicação aos Meus Amigos*.

Só a partir de 1853 voltará à composição, criando as suas obras mais maduras, onde procura passar à prática a teoria dos seus ensaios de Zurique: *Tristão e Isolda* (estreada em 1865), *Os Mestres Cantores de Nuremberga* (1868), a tetralogia *O Anel do Nibelungo* (*O Ouro do Reno*, *A Valquíria*, *Siegfried* e *O Crepúsculo dos Deuses*), estreada como um todo com a inauguração do Festival de Bayreuth em 1876, e *Parsifal* (1882).

Richard Wagner morreu a 13 de fevereiro de 1883, em Veneza, na Itália.

Valery Gergiev

Valery Gergiev nasceu em Moscovo, 1953, mas fez os seus estudos musicais no Conservatório da então Leningrado. Ainda estudante ganhou o Concurso Herbert von Karajan em Berlim e outra Competição em Moscovo, sendo de seguida convidado para assistente do maestro principal do então denominado Teatro Kirov (agora Mariinsky). Estreou-se como maestro neste teatro em 1978 dirigindo a ópera de Prokofiev *Guerra e Paz*. Dez anos depois foi nomeado Diretor Musical e em 1996 tornou-se o Diretor Geral e Artístico do Teatro Mariinsky. Introduziu vários festivais temáticos a marcar os aniversários de vários compositores russos (Moussorgsky, Tchaikovsky, Prokofiev, Rimsky-Korsakov, Shostakovich) apresentando, não apenas as partituras mais conhecidas, mas também várias obras esquecidas desses compositores.

Através de Gergiev, o Teatro Mariinsky retomou também a apresentação de óperas de Richard Wagner. Em 1997, *Parsifal*, que não era apresentada na Rússia há mais de oitenta anos; em 1998, *O Navio Fantasma*; em 1999, *Lohengrin*; em 2003 o ciclo completo da tetralogia *O Anel do Nibelungo*; e em 2005 *Tristão e Isolda*. De salientar que a apresentação de *O Anel* se deu depois de quase um século de interrupção e foi a primeira produção no original alemão em território russo. Esta produção da tetralogia teve um grande sucesso internacional, tendo sido apresentada em vários países (E.U.A., Coreia do Sul, Japão, Reino Unido e Espanha).

Para além da expansão do repertório sinfónico com a orquestra residente, Valery Gergiev transformou o Teatro Mariinsky num complexo de teatros ao criar, em 2006, a Sala de Concertos e, em 2013, um segundo Teatro de Ópera, o Mariinsky

II que inclui também várias salas para concertos de música de câmara. Desde 2016 que o Teatro Mariinsky tem um ramo em Vladivostok e desde 2017 outro em Vladikavkaz, a capital da Ossétia do Norte-Alânia (a região das origens de Gergiev). Além de promover a radiodifusão e o *streaming* de concertos, Gergiev fundou também um estúdio de gravação que lançou a etiqueta Mariinsky em 2009 e que conta já com mais de 30 gravações áudio e vídeo.

Valery Gergiev colabora com os grandes teatros de ópera de todo o mundo (entre os quais a Bayerische Staatsoper, a Royal Opera House Covent Garden e a Metropolitan Opera de Nova Iorque) bem como com diversas grandes orquestras de prestígio (entre as quais as Filarmónicas de Berlim, Paris, Viena, Nova Iorque e Los Angeles e as Sinfónicas de Chicago, Cleveland, Boston e São Francisco).

De 1995 a 2008 Gergiev foi o maestro principal da Rotterdam Philharmonic (mantendo-se como maestro honorário) e de 2007 a 2015 foi o maestro principal da London Symphony Orchestra. Dirige a Orquestra Filarmónica de Munique desde o Outono de 2015.

Valery Gergiev é também o fundador e diretor de vários festivais internacionais e nas suas atividades tem ainda um foco importante no trabalho com jovens músicos dirigindo várias orquestras de jovens.

Pela sua imensa atividade musical, bem como pela participação em muitas atividades públicas, recebeu diversos prémios e condecorações: prémios do Estado da Federação Russa (1993, 1998 e 2015), Artista do Povo da Rússia (1996), Herói do Trabalho (2013), Ordem de Alexander Nevsky (2016), para além de prémios de prestígio dos estados da Arménia, Itália, Holanda, Polónia, França, Alemanha e Japão.

Da enorme discografia gravada, onde tem dedicado especial atenção aos compositores russos, gravou para a editora Mariinsky: *Parsifal* (2010) e *Das Rheingold* e *Die Walküre* (2013).

Tobias Kratzer

O encenador alemão Tobias Kratzer nasceu em Landshut, na Baviera, em 1980. Estudou história de arte e filosofia em Munique e em Berna e encenação na Academia Teatral da Baviera August Everding.

As suas primeiras produções, nesta Academia de Munique, foram *Die Sieben Todsünden* de Kurt Weill e *Die Verlobung in St Domingo* de Werner Egk, em 2006. Nesse ano encenou no Münchner Reaktorhalle, *La Traviata*, produção onde trabalhou pela primeira vez com o cenógrafo Rainer Sellmaier de Regensburg e com o maestro Martin Wettges com quem passou a colaborar frequentemente. Foi com esta equipa que em 2008 ganhou o 1.º prémio no concurso internacional de encenação e cenografia «Ring Award» de Graz pela sua produção de *Rigoletto*. A partir daqui a equipa recebeu encomendas de vários teatros e Kratzer trabalhou no Opera Studio da Ópera do Estado da Baviera (*Così fan tutte*), Ópera de Leipzig (*Admeto*), Ópera de Graz (*La Sonnambula*), Ópera de Wermland (*Rigoletto*, versão cénica da *Paixão segundo São João* e *A Trilogia da Revolução*, que incluiu *Il Barbiere di Siviglia*, *Le Nozze di Figaro* e *Fidelio*).

As suas encenações de maior sucesso foram *Die Zauberflöte* (2009, Heidelberg), *Der Rosenkavalier* (2010) e *Tannhäuser* (2011) ambas em Bremen, *Wallenberg* do compositor estónio Ersk-Sven Tüür (2012, Karlsruhe) e *Lohengrin* (2013, Weimar).

Casou com a música Natalya Debisova em 1999 com a qual teve dois filhos (Abisal e Valery) e uma filha (Tamara). É amigo pessoal de Vladimir Putin.

Foi nomeado pela revista *Opernwelt* (2011 e 2014) para «encenador de ópera do ano» pelas suas produções de *Anna Bolena* em Lucerna e *Die Meistersinger von Nürnberg* em Karlsruhe.

Recebeu em 2018 o prémio «Der Faust» para o melhor encenador de teatro musical pela sua produção de *Götterdämmerung* (*O Crepúsculo dos Deuses*) no Badisches Staatstheater Karlsruhe. «Der Faust» premeia artistas que fazem um trabalho inovador no teatro alemão. Vale a pena citar a declaração do júri sobre o trabalho de Kratzer: *O Crepúsculo dos Deuses* de Kratzer no Badisches Theater de Karlsruhe é de uma rara precisão e coerência conceptual. Apesar do “peso” de Wagner ele consegue criar uma leveza que faz com que a música pareça quase dançar. A sua encenação brilha com ideias surpreendentes e que nunca são um fim em si mas estão cheias de leveza brincalhona mas também de profundidade interpretativa. Pelo seu excelente trabalho com os cantores ele consegue atingir um espantoso grau de intensidade. Ele reflete o género de ópera que está num nível de objetividade que nunca se torna autorreferencial e que desenvolve um enredo orientado para as pessoas e que nos mostra em cena personagens iguais às reais. Com esta produção, Tobias Kratzer consegue afirmar-se de uma maneira forte e absolutamente pessoal.»



BAYREUTHER FESTSPIELE
IM KINO

AUS DEM BAYREUTHER
FESTSPIELHAUS

Donnerstag, 25. Juli 2019 um 18:00 Uhr

TANNHÄUSER
UND DER SÄNGERKRIEG AUF WARTBURG

Musikalische Leitung
Inszenierung

Valery Gergiev
Tobias Kratzer

IN IHREM KINO

Änderungen vorbehalten

WWW.WAGNER-IM-KINO.DE

BF MEDIEN
GmbH

Hersteller: Kultur- und Medienagentur Hoffmann-Laue Produktion: Hoffmann-Laue
Vertrieb: Hoffmann-Laue